



História  
**IV** coletiva  
2022/2023

# *O Oscópico*

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS  
Estudantes da Licenciatura em Educação Básica  
Outubro de 2023

# IV

História  
coletiva

## ESE João de Deus



Título	<i>O oscópico</i> (História coletiva IV)
Autores	Estudantes finalistas da Licenciatura em Educação Básica - Ano letivo de 2022/2023: Ana Catarina Brás; Ana Filipa Pingueiro; Ana Margarida Tapadinhas; Ana Matilde Teixeira; Ana Rita Carvalho; Beatriz Romão; Carolina Morais; Carolina Figueiredo; Catarina Rebelo; Catarina Inocêncio; Creusa Paulo; Diana Matos; Érika Cunha; Filipa Cibrão; Filipa Osório; Inês Quinteiro; Inês D'Abreu; Ivone Maia; Joana Corvo; Joana Andrade; Leonor Botelho; Liliana Pedro; Luísa Beja; Madalena Pinto; Márcia Madeira; Maria Francisca Herédia; Maria Agria; Maria Claro; Matilde André; Núria Fonseca; Patrícia Carreto; Rita Pereira; Rita Vieira; Sara Teixeira; Tânia Botelho; Teresa Rau; Teresa Costa.
Coordenação	Isabel Maria Silva Ruivo Filomena Moreira da Silva
Coordenação gráfica e digital	Jaime Santos (Docente de TIC)
Desenho de cenários e imagens	Inês Mesquita (Técnica Multimédia); Estudantes do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP ) em Multimédia e Recursos Educativos Digitais: Leonor Flores, Gabriel Silá, Gildo Fernandes, Mariatu Baldé, Umaro Baldé, Papa Soares, Inês Silveira. Participação de António C., aluno do Curso Profissional de Informática (12.º Ano), da Escola Secundária Pedro Alexandrino - estágio em contexto profissional na Associação de Jardins Escolas João de Deus.
Revisão de texto	Adília Eugénia M.B. Botelho Dora Batalim Sotto Mayor
Edição	Outubro de 2023
Publicação	Escola Superior de Educação João de Deus
ISBN	978-972-8061-86-9

Composição de cenários e imagens a partir de [storyboardthat.com](https://storyboardthat.com) (versão gratuita); fonte de caracteres Arial. Para impressão, aconselha-se o uso de papel comum, formato JIS B5, frente e verso (margens simétricas). Imagem de capa: [www.freepik.com](https://www.freepik.com); fundos gráficos: [www.freevector\\_s.net](https://www.freevector_s.net)



## PREFÁCIO

O privilégio de quem escreve um prefácio é ser leitor em primeira-mão. E o que leio, antes de tudo, é uma notável proposta de trabalho acadêmico que consegue alcançar um significado maior do que o escolar. Um sentido autêntico para o largo grupo de estudantes envolvido, para toda a comunidade escolar, familiar e para o tecido sociocultural onde este livro se implanta. Por isso, os parabéns são desde logo para a professora Isabel Ruivo que coordenou este projeto, em sala de aula, com a excelência pedagógica que lhe reconhecemos, o entusiasmo pragmático que a todos contagia e a tenacidade incrível de o sustentar com alma durante semanas e meses, nas suas diversas etapas.

Entender a escrita como suporte da voz dos estudantes e como estímulo de criação, oferece o contexto certo para que as suas regras sejam um meio e não um fim. E numa escola de formação de professores que afirma o valor da leitura e da escrita desde tenra idade, esta noção viva e significativa do código é de aplaudir.

Cada capítulo da história representa uma colaboração entre um par de alunas que, após uma revisão da turma em sala de aula, passa seu testemunho a uma nova dupla. Assim, a obra resultou da fusão de ideias, estilos e perspetivas do grupo, ao serviço de uma narrativa que trata de sonhos de infância, aventuras espaciais e conexões intergalácticas e que sublinha a amizade e a conquista de um futuro pessoal e profissional que é, sem dúvida, projetivo em relação às vidas das nossas autoras. A exploração dos laços familiares é o tema base que ressoa em todo o livro, reforçando a ideia de que, por mais longe que nossos sonhos nos levem, é a base familiar que nos sustem.

Este livro é para crianças e presta-lhes tributo, especialmente como testemunho das jovens autoras, futuras profissionais de educação. Guarda essa essência, reflete uma trajetória de crescimento, apela ao imaginário... e tudo isso é um tesouro.

E o título? Como o determinar? Bem, isso é, nesta história, uma agradável surpresa...

Boa leitura!

Dora Batalim Sotto Mayor

## PARTE I

### CAPÍTULO I

Consegui finalmente realizar o meu sonho! O meu “eu” da infância nunca pensou chegar aqui. Foram anos exaustivos, mas que ao mesmo tempo me ensinaram muito para conseguir ser hoje aquilo que sempre quis ser!

Ah! Desculpem! Esqueci de me apresentar: sou o Alexandre, mais conhecido por Alex. Nasci numa pacata vila de que certamente já ouviram falar: Pampilhosa da Serra. Naquele tempo, todos se conheciam e eu conhecia todos. Éramos uma família! Eu, por exemplo, tinha um tio em cada canto, e isso não era nada mau! No Natal, podíamos encontrar-nos na mesma casa e festejar em conjunto a data. Pensar nisso, traz-me à memória o tempo em que recebia presentes de todos, e eu adorava isso!

Foi num desses natais, há bastantes anos atrás, que ganhei um presente muito especial do meu avô Artur: um telescópio! Não sabia para que servia aquele artefacto! Mas, na noite seguinte, o meu avô explicou-me que com aquele estranho objeto podia ver as estrelas e, com sorte, alguns dos planetas do nosso sistema solar. Isto fez com que criássemos uma rotina: todos os fins de semana íamos à varanda do meu quarto observar as estrelas. Chegávamos a ver, por vezes, estrelas cadentes! Mais tarde, o meu avô ensinou-me a maneira mais correta de observar as constelações. Foi a partir daí que nasceu em mim o “bichinho” da astronomia.

Hoje sou quem sou, graças ao meu avô...Mas, adiante, a minha história ainda mal começou!



## CAPÍTULO II

Para que percebam o meu sonho, aquele que é hoje uma realidade, teremos de fazer uma viagem ao passado.

Tempos depois de ter recebido o meu telescópio, tinha eu doze anos de idade, lancei-me, sozinho, numa noite de verão, à descoberta do espaço celeste. O meu avô estava de férias, portanto não tinha companhia. Apesar de encarar cada visão como algo fascinante e único, a verdade é que tudo era semelhante: luzinhas e mais luzinhas... De vez em quando, uma estrela cadente! Que maravilha!

Para além disso, nada de novo!

Ora, naquela noite quente de agosto, algo muito estranho surgiu no horizonte. Jamais poderia imaginar que seria testemunha de tal fenómeno. Na verdade, nem necessitava do meu telescópio para o observar. Bastava olhar para o céu estrelado e “Uau!” - desculpem usar esta interjeição, mas perante o fator surpresa, continuo a reagir como um adolescente.

Entre mim e as estrelas, pairava no céu como se flutuasse, um objeto que irradiava uma luz intensa. As estrelas até podiam ser todas apagadas, que aquela luz chegaria para iluminar toda a Pampilhosa da Serra ou, talvez, todo o país, Portugal!

À medida que se aproximava, o objeto tornava-se mais visível. Parecia um pão alentejano arredondado, mais alto ao centro, parecido com aquele com que a minha avó fazia as maravilhosas torradas de sábado à tarde! Então acabou por

pousar no amplo relvado que existia nas traseiras da minha casa. Felizmente, não aterrou na horta da minha mãe! Ela teria ficado desolada, coitada!

Como a curiosidade era maior do que o medo, decidi ir ao encontro do desconhecido. Enquanto me aproximava e ao ver aquelas sombras, desapareceram da minha mente todas as imagens de possíveis seres verdes, munidos de antenas e de tudo aquilo que conhecia dos filmes, chamados *E.T.*, quer dizer, extraterrestres!

Eles começaram a sair daquilo que parecia ser uma nave. À medida que se aproximavam de mim, eu afastava-me, com receio do que poderia acontecer. Começaram a chamar-me, fazendo um simples gesto com aquilo que me parecia serem braços e mãos. Fui-me aproximando aos poucos e, quando já estava muito perto, enchi-me de coragem e perguntei:

- Quem são vocês? O que fazem aqui? Repeti duas ou três vezes as mesmas perguntas, sem fazer ideia se me estavam a perceber ou não.

- Nós somos de outro planeta e andamos a viajar pelo espaço para descobrir coisas novas e únicas! Quando avistámos este planeta, decidimos que tínhamos de o explorar. Por fora, a sua beleza destaca-se de todos os outros que já encontramos nesta galáxia.

Fiquei sem palavras... tinha tantas dúvidas que nem sabia por onde começar. Acho que os *E.T.* perceberam que eu não estava apenas curioso, mas também confuso. E eles também não deviam fazer a mínima ideia do que poderia existir aqui na Terra.

Por isso, não tardaram a fazer-me mil perguntas... “Como se chama este planeta?”, “Vocês são todos iguais?”, “O que existe aqui?”, “O que fazem?”, “O que comem?”. Não paravam... tive de os interromper:

- Parem, já chega! Até posso responder às vossas perguntas e mostrar-vos tudo, mas agora é melhor ficarem quietos e calados. Os meus pais estão quase a chegar e não podem saber que vocês estão aqui! Venham comigo.

Estes estranhos seres pareciam confusos com tudo e com tudo o que eu lhes dizia, mas decidiram obedecer e seguiram-me em silêncio até à garagem. “Fiquem aqui, quietos. Amanhã bem cedo, venho ter convosco.” – disse-lhes bruscamente, virando costas e trancando a porta.



### CAPÍTULO III

Com a intensidade das emoções que estava a sentir, acabei por acordar. Olhei à volta e lá estava eu – no mesmo quarto vazio, a olhar pela mesma janela... Apenas eu e o telescópio. A televisão estava ligada e no ecrã passavam os créditos do filme “Chicken Little”. Parece que me deixei levar pela imaginação! Levantei-me da cadeira junto ao telescópio e fui-me deitar.



O meu quarto não era muito grande, tinha o tamanho necessário para caber a minha cama, um móvel com uma televisão, uma poltrona ao lado de uma grande janela e uma cadeira onde me sentava a ver as estrelas através da lente do meu telescópio.

No dia seguinte, não conseguia deixar de pensar no sonho que tivera e na possibilidade deste evento... *E.T.*? Seria possível? Só de pensar numa mínima possibilidade de ser verdade, o meu coração acelerava de uma forma inexplicável. Nessa altura, o “*bichinho*” de “astronauta” começou a crescer e a fazer eco dentro de mim.

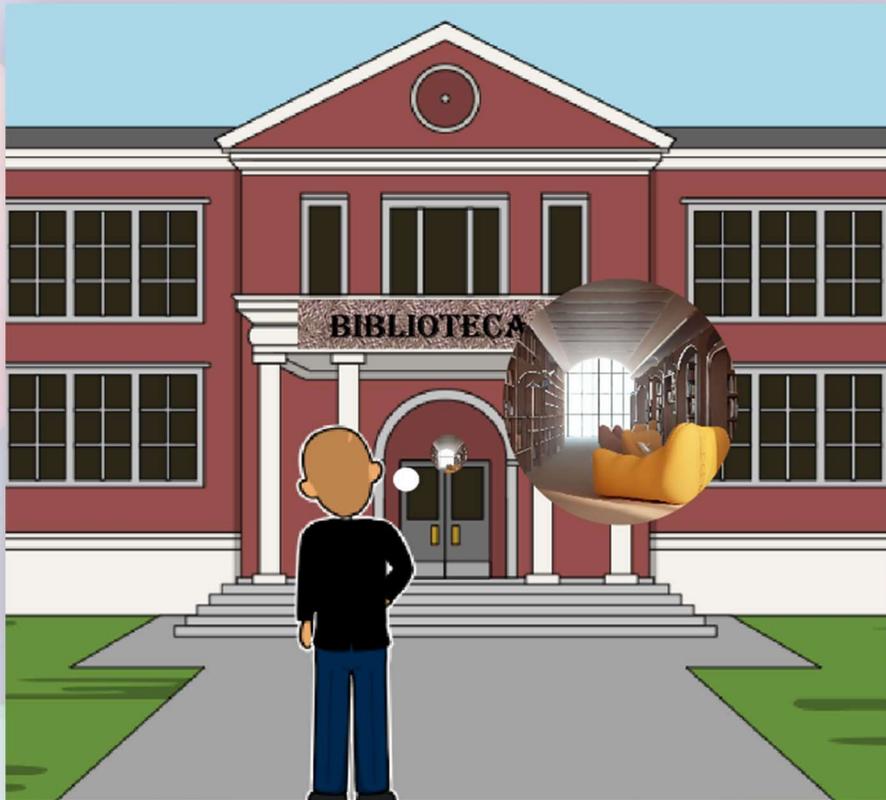
Comecei por ir à biblioteca da vila. Era pacata e pequenina. Vou descrevê-la... – gosto de descrever os sítios e as pessoas de Pampilhosa da Serra, a minha terra natal que tanto amo. Na sala principal havia uns sofás amarelos entre corredores e prateleiras castanhas a formarem outros corredores que nos levavam ao mundo fantástico dos livros. Junto às janelas havia muita luz, mas era entre os corredores que eu mais gostava de estar. A penumbra acabava por criar um ambiente mais acolhedor. As coisas que mais gostava naquele e noutros espaços eram o sossego, o recato e o aconchego que me transmitiam, como se a escuridão e o desconhecido me inspirassem e me transportassem para um universo mágico, mas ao mesmo tempo real: “o espaço”.

Requisitei o máximo possível de livros sobre astronomia, astronautas e até mesmo sobre aquelas teorias extravagantes, acerca do espaço e da existência de vida noutros planetas que me fascinavam. Devorava filmes, séries e documentários sobre tudo o que estava relacionado com este tema.

Depois, acrescentei uma fonte essencial: falei com o meu avô. E quando dei por mim, os nossos fins de semana eram

passados em convenções, reuniões, apresentações sobre o espaço e encontros com astronautas!

Dia após dia, tinha mais certeza do caminho que queria seguir.



## CAPÍTULO IV

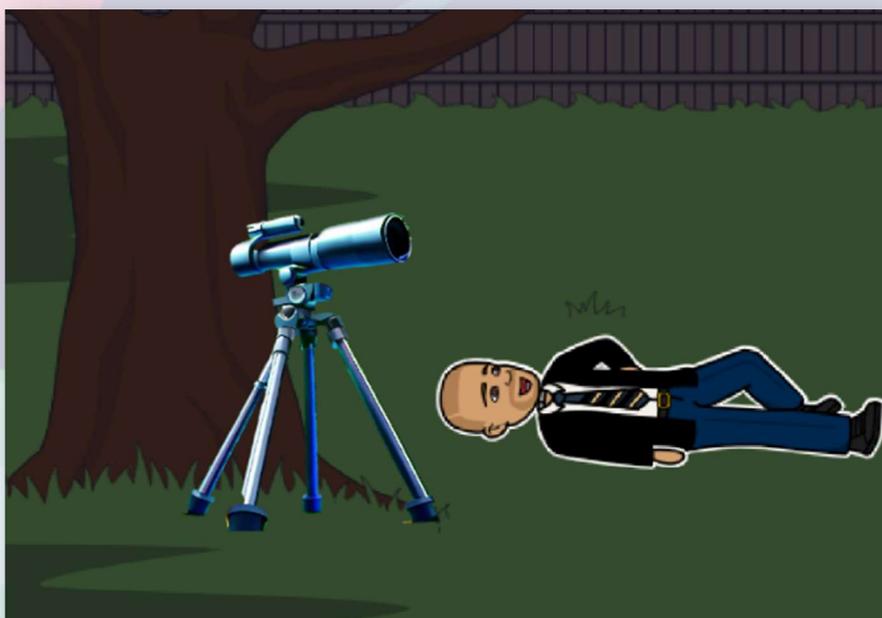
Mesmo depois de estudar, pesquisar, ouvir e ler tanta informação sobre a minha área de interesse, ainda não me sentia totalmente satisfeito..., faltava...ação!

Com o meu telescópio na mão, voltei à clareira que ficava atrás da minha casa, longe do centro da vila, o que fazia com que houvesse pouca luz artificial a iluminar o céu. Desta forma, via perfeitamente todas as constelações, planetas e galáxias.

Já tarde, deitei-me na relva que estava húmida do orvalho. Se a minha mãe soubesse que ali estava àquela hora, dava-me um belo raspanete! Senti o frio da noite nos meus pés, nas minhas mãos. Lembro-me agora dos suaves barulhos do bosque: as folhas que dançavam com a indelével brisa noturna, o chilreio das aves que se aninhavam nas copas das árvores... ao mesmo tempo aumentava o calor e o tremor do meu coração... estas noites traziam-me tanta alegria!

Depois de uma hora a observar a olho nu aquele céu deslumbrante, resolvi pegar no telescópio para conseguir vê-lo mais pormenorizadamente: as estrelas do costume, os planetas do costume, enfim, o mesmo céu do costume...e algo estranho, de enormes dimensões, em comparação com os outros astros! O que seria aquilo? Aquele tamanho significava que o estranho objeto estaria a aproximar-se da Terra?!

A minha teoria parecia estar confirmada. Quando foquei a minha lente naquele objeto, nem queria acreditar! Conseguia ver detalhes fascinantes... algo azul... seria... seria... ÁGUA?! Acreditei ter feito uma descoberta. Precisava de contar ao avô! Comecei a recolher as minhas coisas, tão depressa quanto me era possível: mochila, bloco de notas, caneta..., até que, quando me voltei para ir buscar o telescópio, nada dele! Procurei, procurei. Procurei sem parar. Como era possível, se eu estava sozinho na clareira?!



## CAPÍTULO V

Pensei: “Ó meu Deus... E agora?! O que faço?”

Enquanto procurava o telescópio, encontrei algumas pegadas que pareciam ser de um dinossauro. Decidi segui-las. Quando me apercebi do que era, desatei a correr para casa. Estava aterrorizado e ao mesmo tempo fascinado. Tinha de contar tudo ao meu avô! Fui passar o fim de semana a casa dele, que ficava perto da nossa.

- Avô? Avô?? Tu nem sabes o que vi ontem! Uma coisa grande, verde, viscosa, tinha uma cabeça enorme, mãos de sapo e não tinha orelhas. Era como o *E.T.* do meu sonho! – mal conseguia falar ou respirar de tanta euforia.

- O quê? Não é possível! Os *E.T.* não existem, Alex. Devias estar a sonhar.

- Avô, não estás a perceber! Era mesmo real, desta vez não era um sonho! Vem comigo, vou mostrar-te.

O meu avô calçou os sapatos, vestiu um casaco e foi comigo até à clareira. Não encontramos nem o ET, nem o meu telescópio... Não queria acreditar! E o avô continuava a duvidar do que eu dizia, até que me lembrei de levá-lo a ver as pegadas. Andámos uns 2 metros para a esquerda e ficou perplexo, nem ele próprio acreditava no que via ali no chão:

- Eu disse-te, avô! É verdade! Temos de descobri-lo.

- Alex, é mesmo inacreditável ! Mas já é muito tarde - disse o avô olhando para o relógio.

- Mas avô, e se foi o *E.T.* que levou o meu telescópio...? Não posso ficar sem ele.

- Pois, mas pode ser perigoso... Amanhã resolveremos este mistério.

Fui dormir desanimado por saber que alguém tinha roubado o meu telescópio, e não consegui pregar olho a noite inteira. Sempre que fechava os olhos, imaginava o *E.T.* e, com medo, abria-os de imediato.

Ao fim de sete vezes, foi diferente, quando abri os olhos, o *E.T.* estava mesmo ali, diante de mim, de verdade – Não era invenção.

- Não te assustes! Todos pensam que sou mau, por ser diferente. Eu não te quero fazer mal, sou teu amigo.

- Mas... tu falas?! - fiquei boquiaberto. Como podia eu estar frente a frente com um ser que supostamente só existe nos filmes?!

- Preciso da tua ajuda! Fui abandonado na Terra e preciso de voltar para o meu planeta. A nave que me trouxe anda algures pelo espaço. Já tentei encontrá-la com o teu telescópio, mas nada, foi em vão...

- Espera aí... então, foste tu que roubaste o meu telescópio para tentares encontrar a tua nave?

- Sim. Mas não valeu de nada, por isso vim aqui devolvê-lo.

- Vou ajudar-te a regressar ao sítio onde pertences. Mas agora é muito tarde.

Dei uma das minhas almofadas ao *E.T.* para que ele se deitasse no chão. Dormimos cerca de 4 horas, e acordámos com o avô a bater à porta do quarto.



## CAPÍTULO VI

- Alex, Alex...está na hora de levantar! - acordámos sobressaltados com a entrada do meu avô no quarto.

- Avô, eu tinha razão! É este o *E.T.*, ele existe!

O avô, ao vê-lo à sua frente, ficou incrédulo, mas ao mesmo tempo não parecia surpreendido...

- Como é possível estares aqui na Terra... na minha casa?  
- interveio o avô.

O “visitante”, meio apreensivo, aproximou-se do avô.

- Abandonaram-me neste planeta e preciso de ajuda para voltar para casa.

- Como assim, abandonaram-te na Terra? Esqueceram-se de ti? - indagou o avô.

O *E.T.* sentou-se na cama e explicou toda a sua situação.

- Eu e os meus amigos, sem as nossas mães saberem, decidimos pegar numa das naves que estavam guardadas num armazém e partir à descoberta de outros planetas. Encontrámos um planeta muito azul, este, a Terra. Fica muito perto do nosso. Quando estávamos a sobrevoá-lo, avistámos um sítio muito bonito, cheio de verdes e outras cores e resolvemos aterrar para ver o que era. Quando saímos da nave, comecei a andar sozinho, tentando cheirar tudo aquilo que havia à minha frente. Surgiram coisas amarelas e brancas que cheiravam bem, deixando o meu nariz satisfeito. Como era tudo tão perfumado, fui andando, andando, até que me perdi. Demorei, mas consegui voltar ao sítio

onde tínhamos aterrado. Mas a nave já lá não estava. Os meus amigos já se tinham ido embora e esqueceram-se de mim!

- Bom, aqui na Terra não podes ficar. Mas antes de pensarmos na melhor maneira de te ajudar ... vamos tomar um belo pequeno almoço. Já cheira ao pãozinho da avó. Precisamos de muita energia para o dia de hoje! Por sorte, estamos sozinhos em casa! A avó acabou de sair.

Depois do pequeno almoço, fomos ao quarto buscar a mochila, o meu telescópio e outros materiais que pudessem ser úteis nesta aventura: lanterna, corda, garrafa de água, bússola...

Partimos então os três à descoberta. O nosso “visitante” indicou-nos o caminho até ao local onde a nave aterrara.

Passámos por muitas árvores. O *E.T.* estava sempre a querer trepar para tentar perceber o que se podia observar lá de cima. Vimos também muitas flores encarnadas, cor de rosa, amarelas, violetas e brancas. Descobri que eram essas “as coisas” cheirosas que fizeram o *E.T.* andar sem parar e perder-se dos amigos.

Quando estávamos quase a chegar, avistámos, ao longe, um parque infantil cheio de baloiços coloridos, crianças a correr e a gritar de alegria. Ao canto, debaixo de uma enorme árvore, estavam adultos, uns liam, outros jogavam às cartas.



Aproximámo-nos do local, e percebemos que a caminhada tinha sido em vão, uma vez que não havia qualquer rasto de nave.

Cabisbaixos, voltámos para casa. Eu não tinha muita esperança de o conseguir ajudar no regresso ao seu planeta natal.

O avô, inconformado com a situação, decidiu pôr em prática um projeto secreto: construir uma aeronave que lhe permitisse conhecer novos planetas, outras vidas, outros seres. Era um sonho muito antigo! Quando chegámos à garagem, mostrou-nos inúmeros materiais diferentes que tinha ido recolhendo ao longo de muitos anos e guardado sem saber bem para quando usar...com este desafio, não hesitou e pôs mãos à obra!

De repente, o *E.T.* e eu, ficámos muito curiosos e questionámos o avô sobre o que estava a acontecer:

- Avô, o que pensas fazer?

- Não te preocupes meu neto, vou levar o teu amigo para casa!

- Como assim “para casa”? Não conseguimos encontrar a nave!

- Alex, senta-te. Está na hora de te contar a minha história - disse o avô. Quando tinha mais ou menos a tua idade, num passeio pela floresta, vi uma coisa muito estranha. Na altura não percebi o que era mas, ao aproximar-me, vi que era uma nave. Como já era noite cerrada, decidi deixar as minhas investigações para o dia seguinte. Quando regresssei, nem sinal dela. Desde então, há um pensamento e um sonho que me acompanham e que não tinha ainda tido oportunidade de concretizar.... Fui recolhendo material e esboçando aquele que seria o meu projeto secreto. Mas o tempo foi passando e nunca mais lhe mexi. Esta é a oportunidade: vou fazer uma cápsula aeroespacial para poder explorar novos planetas e, oxalá, encontrar a família dele – disse, apontado o nosso “visitante”.

Com estas palavras, o meu avô deixou-nos num misto de emoções, surpresa e esperança... eventualmente, o regresso ao espaço podia ser uma realidade para o nosso amigo e a concretização de um sonho para o meu avô. Que surpresa esta!

Passado algum tempo de muito trabalho e várias noites sem dormir, finalmente estava pronta. Ao longo desse período, desenvolvemos uma grande amizade e cumplicidade com o *E.T.*

que, passivamente, esperava pelo seu sinal de “regresso a casa”. Continuava a viver escondido na nossa garagem e via a evolução daquilo que seria o seu transporte.

Numa noite estrelada, já com a aldeia adormecida, o meu avô colocou a aeronave no jardim, longe de todas as árvores, e preparou tudo para a viagem do nosso amigo.

- Alex , Artur... foi muito bom conhecer-vos. Nunca pensei ser recebido desta maneira tão acolhedora. Vou sentir saudades vossas! Obrigado por tudo!

- Meu querido amigo, nunca pensei conhecer alguém tão diferente, mas tão parecido comigo, ao mesmo tempo. Faz boa viagem e nunca te esqueças de nós!

Emocionado, não consegui dizer mais nada! Dei-lhe um abraço e disse que gostava muito dele. Vi nos seus olhos lágrimas. Não sei bem. Ele entrou na nave. A porta fechou-se. Da garagem, o avô carregou no botão e tudo acabou ali. Aquele objeto desapareceu no céu estrelado até ficar apenas um pontinho brilhante. O barulho era ensurdecedor e acordei! Outra vez a sonhar com o *E.T.*???

## CAPÍTULO VII

Foram divertidos os dias que passei com os meus avós. Principalmente com o meu avô, as aventuras eram diárias: descobertas, invenções, construções de madeira, caminhadas pelo bosque de abetos à procura de extraterrestres perdidos...

Apenas nós, enquanto os meus pais tinham ido viajar. Sozinho sem eles por perto tudo é diferente. Quando me disseram que se iriam ausentar por uns tempos, fiquei triste. Explicaram-me que era uma viagem de trabalho e que, por isso, eu não os podia acompanhar como seria espectável se fosse uma viagem de férias. Senti-me mais tranquilo ao saber que iria ficar em casa dos meus queridos avós.

Vou confessar-vos algo que é muito importante para mim: a família. A família é uma instituição fundamental no desenvolvimento de uma sociedade e no crescimento harmonioso de qualquer criança e nunca deve ser esquecida ou menosprezada. E nesta história que fala da minha vida, do meu crescimento, dos meus sonhos, não posso deixar de vos apresentar a minha.

Morávamos numa casa branca e amarela, com 2 andares, um jardim à volta, uma piscina e um salão de jogos e, claro, não posso esquecer-me da garagem. Nela havia muitas coisas e algumas “tralhas” que eu nem sei bem para que serviam, mas o meu pai estava sempre a dizer “Alex, um dia, esta tralha ainda te vai dar jeito!”. E isso foi verdade em muitas explorações minhas com os meus amigos.



Continuando... vivia com o meu pai Francisco, com a minha mãe Susana e com os meus animais de estimação. A Ruby era uma cadela, grande e forte, com pelo preto e castanho, e, apesar de ser “destrambelhada”, era, ao mesmo tempo, muito carinhosa. Estava sempre a dar-nos lambidelas; o Lecas era um papagaio lindo, colorido e muito tagarela, passava a vida a dizer “Olá, bom dia!” e a imitar o som dos beijinhos; a Pipoca, a nossa coelha, tinha o pelo cor de mel, a cauda branca e o nariz cor de rosa.

Éramos, e somos ainda, uma família muito unida e feliz! Quase todos os domingos, os meus avós paternos, Artur e Celeste, iam almoçar a nossa casa. Eles viviam relativamente perto de nós. Às vezes, íamos nós a casa deles. Os avós

maternos, a Leca e o Zé, viviam no norte do país, em Bragança e, por isso, as nossas visitas eram menos regulares. Só estávamos juntos nas férias do verão.

Bem, os domingos eram, comumente, dias bem divertidos e “fora da caixa”. Pedia sempre à minha mãe para que o almoço fosse simples e diferente para quebrar a rotina. Achava que pizza ou hambúrguer eram sempre boas opções, pois podíamos ver um filme juntos, enquanto comíamos, sentados na sala, no chão ou no sofá. Algo proibido cá por casa em dias de semana (as refeições eram à mesa, os três, sem televisão ou telemóveis, e isso eu também adorava). Mas ao domingo era diferente: os avós e os pais no sofá e eu sentado no chão, em frente à televisão. São as melhores tardes que conheço!

## CAPÍTULO VIII

Amava a minha família. Como não tinha primos por perto, só no verão, em Bragança, é que encontrava tios e primos maternos. Foi com os avós paternos que desenvolvi maiores laços fraternais que me acompanharam ao longo da vida. Porém, aprendi também que família pode incluir amigos especiais, principalmente quando não temos primos da nossa idade com quem brincar! E eu tive e tenho um amigo muito especial: o Miguel. Somos amigos desde os 6 anos. Éramos conhecidos como os traquinas da vila, a autêntica dupla “Timon e Pumba”.

O Miguel sempre foi mais alto do que eu, loiro, de olhos verdes, magro e com habilidades para ser o próximo jogador da *NBA*. Já eu, moreno, olhos cor de mel, menos desportista, era mais agarrado aos livros e ao espaço.



No fim das aulas, passávamos sempre pela padaria da minha avó, a “Dona Celeste”. O lanche estava garantido: um pãozinho quente com manteiga e um delicioso leite com chocolate! O nosso destino era



a casa dela, onde fazíamos os trabalhos da escola, muitas vezes ajudados e supervisionados pelo avô Artur. Quando chegávamos, íamos diretos à garagem para estacionar as bicicletas. O Miguel cumprimentava o meu avô sempre da mesma forma:

- Boa tarde, Sr. Artur! Tudo em dia?

Ao que o meu avô respondia:

- Boa tarde, rapazola. Sempre!

Depois dos T.P.C. acabados, fazíamos as nossas famosas corridas de bicicleta pelas curvas estreitas da Pampilhosa. Descansávamos de vez em quando sentados debaixo de uma laranjeira. Nessa altura, o Miguel punha-se a suspirar pela Carlota, a sua paixão. Ela andava sempre com uma amiga, eram inseparáveis, tal como eu e o Miguel.

O Miguel e eu vivemos inúmeras aventuras e tínhamos projetos únicos: construir casas na árvore, criar um baloiço com um pneu e uma corda, nadar no Rio Unhais, saltar de muro em

muro, transformar as paletes do leite em carrinhos de rolamentos, até mesmo correr atrás das galinhas da vizinha!

Certo dia, já não me lembro bem do ano, findadas as nossas aventuras do dia, era “lusco fusco” e, exaustos, despedimo-nos como habitualmente com o nosso cumprimento secreto. Só que desta vez tive uma sensação estranha. Alguma coisa estava diferente no Miguel. Ele entregou-me um pedaço de papel e disse-me com uma voz triste:

- Lê isto só amanhã.

Deu-me um abraço e foi-se embora.

Entretanto, jantei com os meus avós até que os meus pais me vieram buscar.

Já no meu quarto, no quentinho dos meus cobertores com imagens estampadas do *Toy Story*, não conseguia parar de pensar naquela estranha despedida.... Curioso como sempre fui, não consegui esperar: levantei-me, abri a mochila encarnada e retirei o tal pedaço de papel. Desdobrei-o e comecei a ler.

Uma lágrima correu pelo meu rosto...

Ficar sem o meu parceiro de tantas aventuras era algo que eu nunca imaginara. Agora com quem brincaria aos exploradores? E quem me faria rir tanto até sair o leite pelo nariz?

De: Miguel  
Para: Alex

Olá amigo Alex, escrevi-te esta carta pois não  
encontrei uma maneira mais fácil de te dizer  
isto. Vou mudar-me com a minha família,  
porque o meu pai tem um novo emprego em  
Lisboa. Vou sentir a tua falta e nunca irei  
encontrar um amigo tão especial como tu.  
Espero um dia voltar a ver-te...

Abraço do teu melhor amigo,  
Miguel.

## CAPÍTULO IX

São muitas as lembranças da minha meninice enquanto aluno da Escola Básica da Pampilhosa da Serra. Recordo-me de arrumar a mochila, pô-la às costas e pedalar, a toda a velocidade, até à casa do Miguel. Ainda hoje, quando faço um sumo de laranja, lembro-me da grande laranjeira do quintal do tio Joaquim.

Dessa altura, recordo bem as traquinices que fazia com o Miguel, apesar de sermos, como o meu avô dizia, “bons rapazolas”.

Na escola gostávamos de pregar partidas à professora Augusta, “aturou-nos” do 1.º ao 4.º ano. Era uma excelente professora,

mas talvez a mais velha de todo o corpo docente daquele agrupamento.

Por vezes, a sua paciência esgotava-se

quando lhe pedíamos, vezes sem conta, se podíamos ir à casa de banho porque tínhamos um problema de bexiga... uma semana era eu, outra era o Miguel. Isso divertia-nos imenso e, na nossa cabeça, esse atrevimento fazia de nós uns heróis. Agora que penso nisso, acho que ela não acreditava na nossa



“bexiguite”, mas nunca quis criar problemas e, como éramos bons alunos, nunca se queixou aos nossos pais. Mesmo saindo da sala durante as aulas, tínhamos sempre a matéria na ponta da língua e isso era o mais importante para ela. Apesar de tudo éramos meninos educados, trabalhadores, aplicados, enfim, qualidades que anulavam as traquinices de miúdos, creio eu.

Lembro-me bem desse tempo de escola. Foram tempos muitos bons e felizes. Nesses anos, depois do período de férias, quer fosse Natal, Páscoa ou verão, a professora organizava sempre atividades que nos fizessem partilhar como tinham sido as nossas férias, tanto oralmente, como através de desenhos ou de outra qualquer “arte” por si pensada.

No ano em que recebi o telescópio, usei as artes visuais para apresentar o meu presente favorito, em 3D, primando nos materiais plásticos usados. De tal maneira o telescópio ficou bonito que se tornou quase peça de museu, levando a professora a perceber, naquela altura, a minha paixão pelo espaço e a tomar consciência dos meus conhecimentos sobre o tema. Ficou tão emocionada e surpreendida - “agradavelmente surpreendida”, como fazia questão de dizer, - que me propôs fazer uma apresentação. Preparei-me muito bem com a ajuda do meu avô e, posso dizer que, foi a melhor “aula” da minha vida!



Anos depois, entrei para a faculdade, com aquele brilho nos olhos de caloiro e com sede de aprender. Na primeira semana de

aulas, um dos professores colocou-nos algumas questões mais pessoais, “para nos conhecer melhor”, disse.

O professor queria saber o nosso nome, a idade, as nossas ambições, o nosso *soft skills*, ou seja, as competências extracurriculares, tais como os idiomas estrangeiros que falávamos, os desportos que praticávamos, países que tínhamos visitado, etc., e terminou com a grande pergunta: “O que te vês a fazer daqui a 5 anos?” Este professor revelou-se um grande psicólogo e fez de alguns colegas tímidos e introvertidos, pessoas mais confiantes e com maior autoestima. Gostei dele! Disse-lhe que queria ser astronauta. Aguardei as suas observações. Receava que me chamasse louco. Mas não. Deu-me força, preparou-me para as dificuldades e, olhos nos olhos, disse-me:

- Parabéns, meu jovem. Vejo que és ambicioso e isso é meio caminho para o teu sucesso. Conta comigo. Como diria Thomas Edison, “o sucesso é constituído por 10% de inspiração e 90% de transpiração”. Força!

Com esta motivação e apoio, nada me demoveria! O estudo e a dedicação foram cada vez mais afincados. Porém, eu era ainda muito novo e não sabia o que o futuro me reservava...



## CAPÍTULO X

Estive anos, muitos anos, sem saber nada do Miguel. A sua partida deixou um vazio no meu coração, que durou sempre. Gostaria de ter sabido se se tornou jogador de basquetebol, se teria mantido o contacto e a paixoneta pela Carlota, se esta mantinha a amizade com a mesma amiga de infância, se continuava em Lisboa, enfim. Foram muitos anos de silêncio. Sentia-me nostálgico quando pensava nele.

Enquanto isso, o meu sonho de trabalhar para a *National Agency and Space Administration*, mais conhecida na Europa como NASA, crescia. Esta era a instituição mais conceituada no mundo e colaborava com outras agências congéneres. Depois de muitas leituras de estudos científicos e de muita pesquisa nos sites oficiais da NASA, percebi que para se ser astronauta nesta Agência, para além de empenho e mérito, era necessário ter alta proficiência na língua inglesa e ter uma formação académica específica, na área das Ciências Exatas - Engenharia, Matemática e Física ou Ciências Biológicas.

Desde o ensino secundário, tinha começado a aprofundar estas matérias, estudando afincadamente os conteúdos das disciplinas de matemática e física porque, em momento algum, tive dúvidas sobre o caminho a seguir.

Além da formação superior, a NASA exige também que o candidato tenha, pelo menos, três anos de experiência profissional e mil horas de pilotagem de aviões a jato. Percebi desde cedo que, para ser astronauta era preciso muita dedicação, estudo, espírito de sacrifício, resiliência e paixão pelo espaço.

Do ponto de vista da saúde física e mental, apesar das exigências da Agência com os testes médicos, sabia bem. A cada candidaturas,

que estava tudo dois anos, a NASA anunciava selecionando cerca de cem homens e mulheres entre milhares de candidatos.

A minha caminhada avizinhava-se competitiva, muito competitiva, será que iria conseguir?



Comecei por me licenciar e depois tirar o mestrado em engenharia aeroespacial, em Aveiro, com algumas formações pelo meio no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

Trabalhei durante três anos na área aeroespacial e completei mais de mil horas como piloto de aviões a jato...tinha a lição bem estudada. Será que já podia afirmar que era astronauta?!

Adorava que o Miguel tivesse presenciado aquilo que foi sendo a concretização dos meus sonhos...não só os momentos felizes, mas também os momentos de desânimo e frustração. Nessas alturas, tal como acontecia quando caía da bicicleta e chegava a casa lavado em lágrimas e desanimado, sentia a falta do meu amigo Miguel!

## PARTE 2

### CAPÍTULO XI

Acordei, hoje, mais ansioso do que o habitual e não consegui perceber porquê.

Fiz a minha rotina matinal diária: levantar-me às 6h da manhã para ir ao ginásio, regressar a casa por volta das 7:30h, tomar banho e vestir-me para ir para o trabalho. No caminho, parava junto ao “Orbit Cafe”, para tomar o pequeno-almoço. Isto acontecia todos os dias. O dono do café era um português maravilhoso que tinha emigrado para a América nos anos 30 do século passado.... Mulher e filhos trabalhavam todos no café e tinham dado ao lugar uma certa alma lusa que encantava os compatriotas que por lá passavam. Eu não fui exceção. Longe de casa, em terras americanas, este era o ponto de encontro de muitos portugueses. Os funcionários, do balcão à copa, cozinheiros e pasteleiros, todos eram portugueses e isso fazia-nos sentir em casa.

Um certo dia, ao entrar no café, reparei que não havia clientes, apenas uma funcionária nova que nunca tinha visto.

- Bom dia! – disse-lhe.

- Bom dia, o que deseja? – respondeu sorrindo, virando-se na minha direção.

Ao cruzar o meu olhar com o dela, fiquei sem palavras. Era linda! A rapariga mais bonita que alguma vez vira.

Tinha uma estatura média, cerca de 1,60m, cabelo escuro, longo e encaracolado, olhos verde-água e sardas na ponta do nariz.

- Está tudo bem? Estou há dois minutos a tentar falar consigo – disse-me ela um pouco confusa.

- Sim, está tudo bem, perdi-me nos meus pensamentos – respondi, meio atordoado.

Fiz o meu pedido e sentei-me na mesa mais próxima do balcão. Enquanto comia, não pude deixar de ouvir a sua conversa ao telemóvel:

- Não, ainda não tive tempo de tratar de nada, Carlota. Comecei esta semana a trabalhar. Ainda não deu para ter folgas! Eu sei que a data é muito importante para ti e para o Miguel, claro, afinal é só o vosso casamento! Acredita, quando tiver tempo livre, trato do arranjo das flores.

Ao ouvir esta conversa, não consegui evitar um sorriso... “Miguel” fez-me lembrar do tempo em que o meu amigo tinha uma paixoneta pela Carlota da nossa turma.

Terminada a minha refeição, sempre a sorrir, dirigi-me ao balcão para pagar.

- Adeus, Carlota, tenho que desligar. Depois falamos. Tenho um cliente ao balcão, beijos. A rapariga do café desligou de imediato o telemóvel.

Olhava para ela como se tivesse visto uma aparição. Deve ter pensado que eu era tontinho... não consegui disfarçar a minha curiosidade e perguntei-lhe:

- Desculpe a invasão, mas é nova aqui? Venho cá todos os dias e nunca a tinha visto.

- Sim, comecei hoje. Sou uma estreante na área da restauração – respondeu ela sorridente e um pouco desconfiada.

- Ninguém diria – disse-lhe, sorrindo de volta. – Quanto devo, pelo pequeno-almoço?

- \$3,95 por favor!

Tirei a carteira do bolso e entreguei-lhe o dinheiro com uma boa gorjeta. Antes de sair, reparei na sua identificação escrita numa placa dourada, ao peito.

- Então, até amanhã, Olívia! – exclamei.

- Até amanhã ...?

- Alexandre, mas pode tratar-me por Alex – sorri e pisquei-lhe o olho.

No curto trajeto até ao trabalho, não consegui deixar de pensar na Olívia. Acho que foi amor à primeira vista. A ansiedade com que acordei hoje, passou a ter uma bela explicação: o futuro chegava em forma de Olívia...



## CAPÍTULO XII

A partir daquele dia, tentei ir beber café sempre à mesma hora. Sabia que esse era o horário da Olívia. Passaram-se algumas semanas, e muitos pequenos-almoços, até que, finalmente, me enchi de coragem e convidei-a para almoçar. Podia ter recusado mas, felizmente, e para grande alívio meu, aceitou e aquele encontro foi verdadeiramente especial. A conversa fluía e parecíamos velhos amigos que, há vários anos sem se verem, queriam “pôr a conversa em dia”, com medo de perderem de novo o contacto. Na verdade, enquanto durou o almoço, conversámos sobre tudo. Depois passeámos à beira-rio, ora em alegre conversa ora em silêncio profundo como que a tentar ordenar as ideias que nos inquietavam... e assistimos ao mais belo pôr do Sol que alguma vez me lembro de ter visto. Despedimo-nos sorridentes e combinámos um encontro para breve. Não sabíamos para quando mas, na realidade, por puro acaso (ou não), passou pouco tempo até que nos voltámos a encontrar...

Pouco tempo depois do encontro com Olívia, fui destacado para a Alemanha para dar continuidade à minha formação. Iria estar dezoito meses naquele país. Um ano e meio... tanto tempo! Eram contingências da própria carreira. Eu sabia que isso iria acontecer; depois de ter entrado na NASA, os meus superiores constataram o meu bom desempenho e destacaram-me de imediato para fazer parte da próxima equipa a realizar um voo espacial. Aceitei um pouco hesitante: era uma excelente

oportunidade, irrecusável, mas isso significava afastar-me da vida que estava a construir na América, significava afastar-me da Olívia, e isso era o que mais pesava na minha decisão. Prometemos manter o contacto.

Naquela noite, sonhei com a Lua e com o Neil a proferir aquelas palavras mundialmente conhecidas e que fazem parte de um dos mais belos capítulos da história mundial: “Um pequeno passo para o



*Homem, um salto gigante para a humanidade*”. Seria eu o próximo Neil Armstrong? Acordei com o som do despertador. Senti o coração acelerado e o meu “ego” do tamanho do Universo. Tudo me corria bem, tudo estava bem! Que sortudo que sou! - pensei.

Com frequência, dava por mim a sorrir enquanto corria na passadeira do centro de treinos. Era mais um dia de grande esforço físico e psicológico. Mas eu estava feliz. Sem que me apercebesse, já tinham passado catorze meses desde que iniciara a minha formação. Mais quatro meses e completava-a. Não me podia acomodar.

Um dos maiores desafios é o treino de simulação gravitacional. Nem sempre é fácil. Ter de caminhar no fundo de uma piscina com dez metros de profundidade para simular a ausência de gravidade, para o caso de se ter de realizar uma caminhada espacial na Lua, era um grande desafio. A adaptação ao fato e a mobilidade são desafios constantes. Nos dias mais complicados, em que me sentia mais cansado, lembrava-me das palavras daquele que me fez enveredar por este caminho lunar... “Surpreende-te a ti mesmo todos os dias, com a tua força interior”. Querido avô, como te sinto ao meu lado!

Um dos maiores desafios foi aprender russo. Nunca se sabe, até poderia vir a ser integrado na estação espacial internacional – *Internacional Space Shuttle* (ISS) - que é europeia. A única nave tripulada que nos consegue deixar na Estação Espacial Internacional é a *Soyuz*... que tem tudo escrito em russo! Imaginem tocar num botão sem saber o que diz? Dá para perceber a importância de aprender cirílico, não é?

Александр

(Alexandre - em cirílico)

Fazia regularmente uma videochamada para os meus pais em Portugal. As saudades apertavam à medida que o tempo ia passando. Era sempre com muita alegria que nos encontrávamos naquele retângulo que nos via e ouvia, suspensos na fibra ótica,

e testemunhava o calor e o afeto das muitas brincadeiras, piadas e conversas simples que mantinham os nossos rostos felizes, de um e do outro lado da linha, desejando o momento em que nos voltaríamos a ver em “carne e osso”. Estes encontros ajudavam-me a suportar as saudades e a “recarregar as baterias” para a exigência física e psicológica com que me deparava diariamente na Agência.

Numa dessas conversas, falei-lhes do meu 1.º encontro com a Olívia e de como nos estávamos a dar tão bem, como se fossemos os melhores amigos, inseparáveis mesmo! Disse-lhes que ela me tinha convidado para a acompanhar a um casamento. Sabia apenas que a Olívia era a responsável pelos arranjos florais da cerimónia.

Nunca a havia questionado sobre quem eram os noivos. Fiquei radiante com o convite e por poder acompanhá-la.

## CAPÍTULO XIII

Passados 18 meses, concluí a formação na Alemanha e pude voltar para o sítio onde me sinto em casa: os Estados Unidos, junto da minha Olívia.

Cheguei ao aeroporto em Orlando, na Flórida, apanhei um táxi e fui o mais rápido que pude até ao *Orbit Café*. Demorei exatamente quarenta e quatro minutos, com o objetivo de fazer uma surpresa à Olívia.

Entrei no café e lá estava ela, com o seu singular sorriso estampado no rosto a atender um cliente. De repente, os nossos olhares cruzaram-se e corremos um para o outro, dando um abraço apertado.

- Não sabia que vinhas hoje! Que surpresa maravilhosa! – exclamou ela.

Sorri e abraçámo-nos novamente.

Almoçámos juntos e pude contar-lhe todos os desafios vividos na Alemanha. Com medo que me tivesse esquecido, perguntou-me calma e envergonhadamente:

- Lembras-te do convite que te fiz? A minha amiga Carlota vai casar-se já no dia 15. Conto com a tua companhia. Já passou muito tempo, mas sabia que ias cá estar nesta altura...

Respondi-lhe, sem mostrar a minha alegria e ansiedade, que não me tinha esquecido.



Despedi-me dela com um beijo na face e parti, em passo acelerado, para não me atrasar. O meu antigo diretor tinha-se reformado e íamos conhecer o novo diretor. Chegar atrasado estava fora de questão.

Quando entrei na sala de reuniões, os meus colegas já lá estavam todos, mas o diretor não tinha chegado ainda.

Tinha acabado de me sentar ao lado de um colega inglês, quando vejo entrar alguém carregado, cheio de papéis nas mãos, cumprimentando o grupo. Deve ser o diretor – pensei. Olhei de rompante... algo nas suas feições me pareceu familiar. Havia qualquer coisa de próximo, não conseguia desviar o olhar... esperava ansioso que parasse e se virasse de frente para o grupo.

- Bom dia a todos! O meu nome é Miguel, sou o vosso novo diretor. Disse ele a sorrir, ao mesmo tempo que aliviava os braços, colocando os papéis em cima da mesa, ainda sem olhar para ninguém. Sentou-se na poltrona e olhou finalmente para a assistência, uma mesa cheia de homens e mulheres que olhavam expectantes para ele.

- Como já devem saber sou português. Nasci numa pequena aldeia do interior, mas fiz os meus estudos superiores em Lisboa e mudei-me para cá já há alguns anos.

- Neste momento estou aqui para viver novos desafios com esta equipa multidisciplinar que, segundo me disseram, é excelente!

- E vocês? Gostava que se apresentassem. Podem começar – disse fixando os seus olhos nos meus. – Alex?

Não acredito! É o Miguel, o meu melhor amigo! O meu amigo de infância! Há anos que já não o via! Seria possível... ou era engano?!

- Sim, Miguel, sou eu, o Alex da Pampilhosa da Serra! - Ficámos a olhar um para o outro. E por momentos, o tempo pareceu parar. Creio que conversámos durante algum tempo, o suficiente para gerar expectativa e surpresa no grupo pela casualidade e coincidência que perceberam estar a acontecer entre nós. Mas a reunião tomou o seu curso normal e durante toda a manhã falou-se de trabalho e dos objetivos e desafios da equipa.

Quando terminou, olhei para o relógio. Já passava das 13h.

Com alguma timidez, aproximei-me do diretor, o meu amigo Miguel, e perante o seu sorriso aberto, não hesitei: convidei-o para almoçar. Tínhamos muito que conversar!



## CAPÍTULO XIV

Depois de estacionarmos o carro, a dez minutos de distância do departamento, entrámos no restaurante e fomos encaminhados para uma mesa ao lado da janela que tinha vista para um belíssimo lago no Parque *Merritt*. Segundo o Miguel, este era o melhor restaurante da zona. Sentámo-nos e a conversa não foi fácil de estabelecer. Foram muitos anos sem falar e pouco sabíamos da vida um do outro.

- Miguel, passado tanto tempo, que alegria voltar a ver-te! Sei que estou em falta para contigo... Nunca te cheguei a responder à carta de despedida que me escreveste quando partiste para Lisboa. A culpa é minha por termos perdido o contacto. A verdade é que...

- Alex, não precisas de te justificar – respondeu Miguel, muito compreensivo.

- Mas sinto que te devo isso... A verdade é que não soube lidar bem com a tua partida, não vivi bem com a tua ausência, custou-me muito perder o meu melhor amigo! Cada vez que tentava escrever-te uma carta faltavam-me as palavras. Fizeste-me muita falta, Mike! – exclamei eu.

- E que tal pedirmos o menu? – perguntou o Miguel.

- Ia propor-te o mesmo! Confesso que estou esfomeado! – disse eu, rindo, enquanto a minha barriga fazia barulho. Fizemos sinal ao empregado.

A conversa tinha seguido o rumo vertiginoso da infância: falámos do pão da avó Celeste, da laranjeira a caminho da escola,

da professora Augusta, enfim, falámos de quase tudo, até que chegámos àquele inesquecível Natal de 2010 e ao fantástico telescópio oferecido pelo avô Artur. Sorrimos, fazendo transparecer no olhar uma grande nostalgia! Houve um silêncio momentâneo e a mudança de tema era inevitável. Foi o Miguel que falou primeiro. Estava com um sorriso rasgado, parecia querer partilhar algo muito bom. E sim, a feliz notícia que me deu foi que ia casar! Fiquei estupefacto. Não imaginei.

- E quem é a noiva? – perguntei.

- A Carlota! A nossa amiga de infância, lembraste? Ela era a melhor amiga da Olívia. Se calhar já não te lembras delas – concluiu o Miguel ao ver a minha expressão boquiaberta e os meus olhos arregalados. Meio atónito, perguntei-lhe se, por acaso, havia uma Olívia a tratar das flores e, inacreditavelmente, respondeu-me que sim. E mais: que eram as melhores amigas!

Não queria acreditar no que ouvia! Só não dei um pulo da cadeira, tal era a minha alegria, porque tinha os reflexos muito bem treinados.

- Quem diria que nós os dois, os traquinas inseparáveis de Pampilhosa da Serra, íamos acabar por nos apaixonar por duas amigas... - deferi eu de uma vez só, deixando o Miguel completamente baralhado.

- O quê? Tu e a Olívia estão juntos? Como? – perguntou Miguel.



- É verdade! Também nos encontrámos aqui em *Houston*, e de uma maneira muito peculiar. Depois conto-te.

Finalmente o empregado de mesa trouxe o menu, mas o Miguel já sabia exatamente o que pedir para os dois e disse-me para confiar que não me ia arrepender. “Vais gostar” - concluiu.

Entreguei-me ao seu bom gosto gastronómico e continuámos a conversar.

A determinada altura, senti-o distante...visivelmente nervoso. A perna tremia debaixo da mesa. “O que se estaria a passar? – questionei-me. Das duas uma: ou estava ansioso para que a comida chegasse, ou alguma outra coisa o estava a deixar muito inquieto.

- Pareces-me nervoso, amigo. O que se passa?

Miguel suspirou e, com uma voz trémula, respondeu-me:

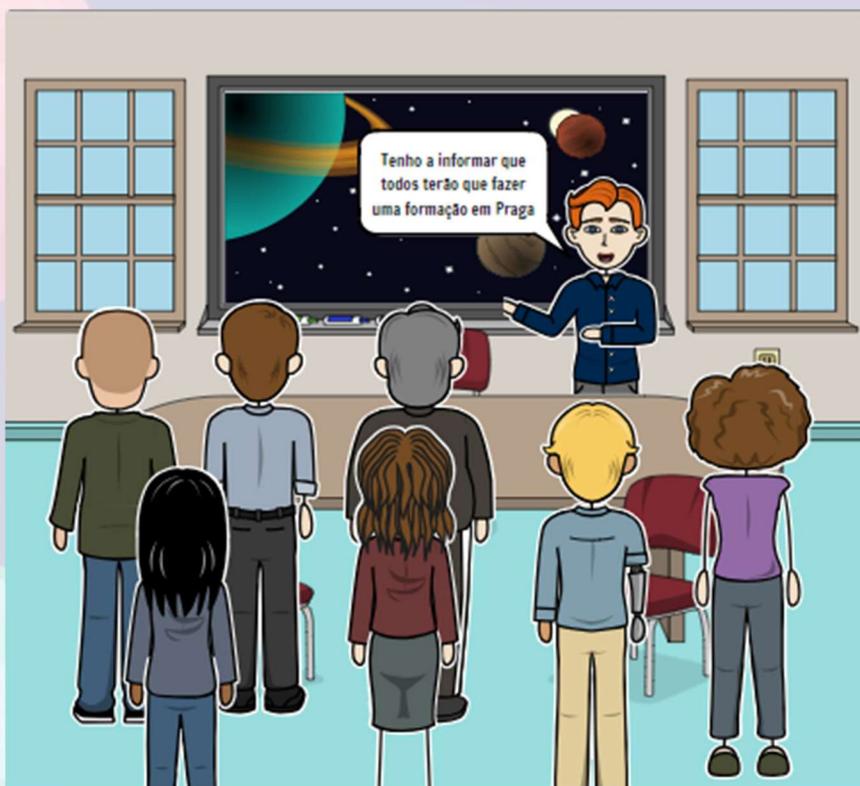
- Na reunião de hoje não desvendei todo o mistério que envolve o desafio de que falei à equipa, mas não consigo deixar de partilhar contigo. Até porque sei que desde a tua meninice desejas ser astronauta e o quanto deves ter trabalhado arduamente para atingires esse objetivo. Por isso, vou contar-te um segredo, mas tens de me prometer que não falas disto a ninguém. Ninguém, mesmo!

- Estás a assustar-me! O que se passa? Prometo que não conto a ninguém.

- Está programada uma missão secreta da NASA e andam à procura de homens bem preparados para irem ao espaço. Eu quero muito que faças parte dessa missão especial – disse-me com a voz um pouco trémula de emoção.

## CAPÍTULO XV

Integrar uma missão secreta da NASA? Para quando? Estava cheio de curiosidade, mas não sabia o que mais ele poderia adiantar. Ansioso e eufórico perguntei-lhe de que missão se tratava e voltei a prometer que não contava a ninguém, tal como fazíamos quando éramos crianças: promessa do mindinho!



- No início do próximo ano, a NASA irá realizar um voo de teste não tripulado à Lua. Será o início de uma missão muito mais importante e revolucionária: levar astronautas de volta à Lua, pela primeira vez, desde 1972 - e, desta vez, com planos para fazer

com que os humanos possam permanecer lá mais tempo – contou Miguel. Sinto que tens o perfil, as competências físicas e psicológicas necessárias para este desafio.

- Estou sem palavras, amigo. Isso seria incrível! – exclamei.

As minhas pernas tremiam que nem varas verdes! Nem sabia o que dizer! Seria realizar o meu sonho de criança, ainda por cima em conjunto com o meu melhor amigo! Senti algo inexplicável a percorrer o meu corpo, dos pés à cabeça.

- Poderemos propor chamar a esta missão Artemis, a irmã gémea de Apolo, na mitologia grega – explicou o Miguel. Mas ainda é cedo para isso. O objetivo é dar continuidade ao programa Apollo, que terminou em 1972. Desta vez, os planos envolvem o envio de missões tripuladas até a Lua, de uma maneira diferente.

- Que incrível! Isto vai ter um impacto brutal no mundo inteiro! – exclamei, muito entusiasmado. O meu avô iria ficar orgulhoso. Ainda me lembro quando me dizia “um dia, serás um grande astronauta, Alex.”

- O teu avô tinha razão. E dentro de pouco tempo terás a confirmação disso mesmo – afirmou Miguel.

- Conta-me mais!!! – exclamei, talvez demasiado empolgado, percebendo que quase todas as pessoas viraram as cadeiras e olharam para mim.

- Shiuuuuuu! Fala baixo, Alex! Por enquanto, ainda é uma missão secreta, lembras-te? – disse o Miguel, enquanto me tapava a boca com a mão.

- Estou tão entusiasmado! Parece mentira o que estou a ouvir!

Naquele momento senti a mesma emoção quando, aos 12 anos, observei pela primeira vez as estrelas com o meu telescópio. O espaço fascina-me hoje tanto ou mais que nessa altura.

- É melhor conversarmos sobre este assunto num local mais privado – disse-me um pouco nervoso, e quase envergonhado.

- Tens razão! – respondi-lhe.

- Mas... mudando de assunto, Miguel, sei que também estás muito entusiasmado com outra coisa, não propriamente só com a missão secreta da NASA... O teu casamento está aí à porta, certo? Conta-me!

- Ah! Sim! Estou muito feliz, Alex. Eu e a Carlota já estamos juntos há muito tempo e sentimos que está na hora! – respondeu o Miguel, radiante.

- Claro, acho fantástico! Temos de celebrar esta nova etapa da tua vida, amigo!

## CAPÍTULO XVI

Inspiro fundo. Está a chover, está um nevoeiro muito denso e sinto-me calmo. Consigo distinguir o som de um charco à distância. Tenho a sensação de ter de ir a algum sítio, mas não sei bem onde. Mal me levanto do banco de jardim, este desaparece atrás de mim. Tento dar um passo e começo a flutuar. Começo a ficar um pouco assustado e sinto o coração a palpitar com uma força crescente no peito. O chão está cada vez mais longe e a minha respiração torna-se mais ofegante. Até que começo a cair!

Tento agarrar-me a algo, um galho, uma corda, o que for! Mas não consigo segurar senão punhados de ar!

Mesmo antes de cair ao chão, acordo, sobressaltado, na cadeira do avião.

- Uhlala, amigo, isso é que foi um sono atribulado! – disse-me o Miguel.

Respirei fundo, aliviado.

Mas fiquei a pensar que o assunto era sério e que com o espaço cósmico não se brinca! E se o Miguel me escolheu para esta missão apenas porque sou seu amigo? Estava grato pela oportunidade, mas sentia um nervoso miudinho.... Podia sempre acontecer alguma coisa, algum desastre, sei lá! Bastava um cabo estar mal ligado, ou um parafuso meio lasso, e toda a missão iria por água abaixo. E talvez eu não tivesse assim tantas competências como o Miguel pensava. – estes pensamentos

assaltavam a minha mente, mas eu tentava reagir de forma positiva.

A Carlota também se apercebeu do meu estado de ansiedade e tentou tranquilizar-me:

- Estás bem, Alex? Estamos quase a chegar! – disse-me com a sua calma habitual.

Estávamos mesmo quase a aterrar, já conseguíamos ver as pequenas casinhas de Praga cada vez maiores.

Tínhamos decidido fazer uma viagem à Europa antes do casamento do Miguel e da Carlota! Também passámos uns dias em Portugal, para matarmos saudades da família (e da nossa infância).

Éramos seis, na viagem: o Miguel, a Carlota, a Olívia, eu, o Gilberto e o Rick, que faziam parte da equipa escolhida para a missão espacial secreta. O Gilberto, alto e moreno, era muitíssimo engraçado e extrovertido. O Rick era um pouco mais introvertido, era natural da Moldávia. Ambos eram bastante simpáticos.

Depois de aterrarmos, enquanto as meninas foram à casa de banho, ficámos os quatro a conversar. Peguei no telemóvel para desligar o “modo voo” e reparei que tinha uma chamada não atendida da minha mãe. O que seria? Assim que pudesse, ligar-lhe-ia.

- Aproximadamente daqui a sete meses estaremos a aterrar num sítio bem diferente deste não é, pessoal? – comentou Gilberto.

- É verdade - disse o Miguel, – mas ainda nos falta um tripulante. Está a tornar-se difícil encontrar o candidato ideal!

- Levamos a minha cadela, a Ruby! - disse Alex na brincadeira.

- Um cão no espaço? Essa era uma boa ideia! – anuiu Miguel.

- Uma boa ideia? Claro, isso já aconteceu no passado! – relembrou Rick.

- Pois, com a Laika, não foi? Mas levarmos novamente um cão, não é original. Para sermos mesmo originais temos de levar uma águia ou algo assim – sugeriu o Rick a rir-se.

- Ou uma galinha! E chamávamo-la Artémis, ahahah... Imaginem uma galinha em gravidade zero: ovos e penas a flutuar no meio da cabine de comando... – disse a rir o Gilberto.

A Olívia chegou e interrompeu a conversa, mostrando que tinha apanhado o “filme”:

- Estão a planear levar uma galinha para o espaço, é? Parece-me interessante.

Todos se riram, mas desviaram de imediato o assunto porque, afinal de contas, ainda era suposto ser segredo!

- Bem, se queremos apanhar o autocarro para o hotel, temos de ir andando! – disse Rick, olhando para o relógio.

Pegámos nas malas e dirigimo-nos para a saída.

Liguei à minha mãe.

Estava tudo bem. Queria só contar-me que, depois de termos saído de lá, tinha caído e estava a fazer gelo no joelho, nada grave.

Depois da aposentação, a minha mãe dizia sentir-se inútil e isso estava a fazer-lhe mal, porque sempre tinha sido uma mulher muito ativa. Na conversa, disse-me ainda que ela e o pai tinham tomado a decisão de integrarem uma comitiva dos “Médicos sem fronteiras” e que partiam em breve para a Ucrânia. Este assunto tinha sido conversado aquando da nossa visita, mas nada indicava que iriam tomar uma decisão destas. Houve silêncio dos dois lados. E ela ficou à espera da minha reação.

Desenvolveu: “eu vou como enfermeira e o pai, arquiteto, vai colaborar num projeto humanitário para reconstrução de estradas e edifícios em Kiev”, disse.

Que dizer mais... consciente dos riscos inerentes a tal viagem? Felicitei-a. Naquele momento compreendi de onde me vinha o sentido de responsabilidade, o espírito de missão e, ao mesmo tempo, a fibra e o prazer da adrenalina que o risco e o perigo me provocam.



## CAPÍTULO XVII

Voltámos de Praga exaustos, mas muito felizes. Foi fantástico conhecer outro país, uma cultura diferente e, acima de tudo, fortalecer os laços de amizade com o Miguel. Para além disso, estava cada vez mais próximo da Olívia.

E chegou o tão esperado dia de casamento do meu melhor amigo! Sentia-me tão nervoso que parecia ser eu o noivo. E, apesar de não ser o meu dia com a Olívia, estava igualmente ansioso, prevendo algo estranho, mas sem conseguir discernir o que poderia acontecer...

A família e os amigos mais chegados dos noivos estavam todos reunidos, naquela enorme quinta, rodeada de natureza, com árvores e flores, de diferentes feitios, tamanhos e cores. Tinham feito uma longa viagem e estavam encantados com tudo o quê lhes era proporcionado. O lugar era lindo! Não podia ter sido melhor preparado, tudo estava simplesmente perfeito! Sei que os noivos ainda ponderaram casar em Portugal, mas parece que tinha havido impedimentos de última hora. O Miguel também estava com receio de se afastar muito do departamento, e por isso acabou por ser nos Estados Unidos. Receio que não encontrassem em Portugal um sítio tão bonito e especial. Eu e a Olívia gostávamos de casar na nossa terra, no concelho a que pertence Pampilhosa da Serra. Mas, na altura, se verá. Nem sempre os nossos desejos se tornam realidade, outras vezes sim...

A noiva estava linda, com um vestido branco, comprido e com um tule como nos filmes de princesas. O noivo parecia a personagem principal do 007, com um elegante fato preto e uma gravata a condizer com a cor dos vestidos das damas de honor.

O auge da cerimónia foi quando a noiva entrou no recinto ao som de uma melodia maravilhosa escolhida para o momento pelos noivos. Surgiu e encaminhou-se para a pérgula onde o noivo a esperava. A felicidade deles era comovente. Finalmente casados, parecia um sonho. Marido e mulher. Que coisa bonita – pensei eu.

Durante o banquete, quando estavam todos a dançar na pista, saí para apanhar ar. Era tarde. Olhei para o céu e fiquei nostálgico. Pensei no meu avô e como ele ficaria orgulhoso quando me visse no papel do Miguel: noivo! O meu pensamento foi interrompido pelos gritos da Carlota:

-Venham, é a minha parte preferida; está na hora de atirar o buquê!! – disse, olhando para a Olívia com um olhar de cumplicidade.

Todas a senhoras se dirigiram imediatamente para longe da noiva. Olívia encabeçava o grupo. Os restantes convidados estavam expectantes. Quem iria apanhar o buquê? Quem seria a próxima noiva?

-Um dois, três...agora! - disse a Carlota ao mesmo tempo que atirava as flores (o buquê) pelo ar.

Voou e todos o seguiram com o olhar. Houve gritos de entusiasmo, empurrões sem querer, mas quem o apanhou foi na

realidade alguém que nem acreditava muito nesta tradição, a Olívia.

Nesse preciso momento, percebi o seu olhar cravado no meu. Por segundos, olhámo-nos fixamente. Era um olhar cúmplice. Parecia sentir “borboletas na barriga”.

Olívia não pareceu muito entusiasmada com o buquê, mas ainda assim, percebeu o palpitar do seu coração, como me dissera mais tarde. Sentimo-nos em perfeita sintonia.

O Miguel apareceu, puxou-me pelo braço, trouxe-me para o jardim e de volta à Terra. Assentei os pés no chão. Acordei...

- Não sabes o que aconteceu, acabo de receber um telefonema de urgência. Estou sem palavras, num misto de emoção e surpresa! – disse o Miguel. E rapidamente me pôs ao corrente do que se passava.

A viagem espacial secreta teria sido antecipada e era necessário voltar ao trabalho mais cedo do que ele tinha planeado. A Carlota iria ficar em choque quando soubesse que tinham de adiar a lua de mel mas, como disse o Miguel, esta missão tinha a máxima prioridade. Inquestionável qualquer mudança às indicações recebidas.

Eu tinha agora uma questão difícil para resolver com os meus pais. Queria voltar a vê-los antes de partirem para Kiev.

Grandes emoções para este fim de tarde em pleno casamento do meu melhor amigo! Mais uma vez, recordei a nossa infância em Pampilhosa da Serra, o pão quente da avó Celeste, as arriscadas aventuras de bicicleta, o telescópio...

O momento agora era sério e a sério. Estava feliz. Muito feliz!

Fiquei parado durante um tempo. O Miguel estava à minha frente, esperava a minha reação. Mas concluiu abruptamente:

- Temos de ir, Alex.

Fez-se um estranho silêncio...



## CAPÍTULO XVIII

Depois de tanta emoção, o Miguel tinha de se concentrar na chamada de urgência que recebera.

Continuámos no jardim por mais algum tempo. Nem sabemos quanto. Lá dentro, no salão, cantava-se e dançava-se... tudo parecia estar perfeito.

Nem deram pela nossa ausência! – pensei. Mas enganei-me.

- O que estão aqui a fazer? Andava à vossa procura. Venham dançar – disse Olívia, puxando-me pelo braço.

Miguel veio atrás de nós. Circunspecto. Esboçou um sorriso ao entrar no salão para se dirigir à mesa onde estava Carlota sentada a conversar com velhas amigas de escola.

- Posso dar-te uma palavrinha? - disse Miguel, meio sem jeito, enquanto afastava Carlota que se tinha levantado da mesa assim que o viu entrar no salão.

Miguel contou-lhe rapidamente o teor do telefonema que recebeu e manifestou a sua vontade de partir, sob pena de perderem, ele e o Alex, a oportunidade de integrarem esta missão espacial secreta.

Carlota ficou sem palavras. Não acreditava no que estava a acontecer...no dia do seu casamento! Mas aceitou o facto, não dando demasiada importância a uma notícia que sabia inevitável. Compreendia o marido e estava disposta a fazê-lo feliz logo desde aquele dia, ainda que isso implicasse adiar a lua de mel!

Voltámos para a festa e dançámos noite fora.

Era já de madrugada quando fomos dormir. Combinámos a hora de encontro na receção do hotel para o *chek out*.

Já no quarto, com a descida dos níveis de adrenalina, senti-me muito nervoso. A Olívia notou.

- Alex, o que se passa? Estás estranho. E parece que não é só por causa dessa viagem de urgência – disse a Olívia, agarrando-me nas mãos e olhando-me nos olhos.

- Sim, esta ida dos meus pais para a Ucrânia, ainda que por motivos extremamente válidos e altruístas, deixa-me mais nervoso do que a minha viagem ao espaço... as notícias dos bombardeamentos em Kiev...

Olívia olhou para mim enternecida e deu-me um abraço com tanta, tanta força que, por instantes, esqueci-me de tudo o que me atormentava e ficámos agarrados um ao outro, como na pista de dança.

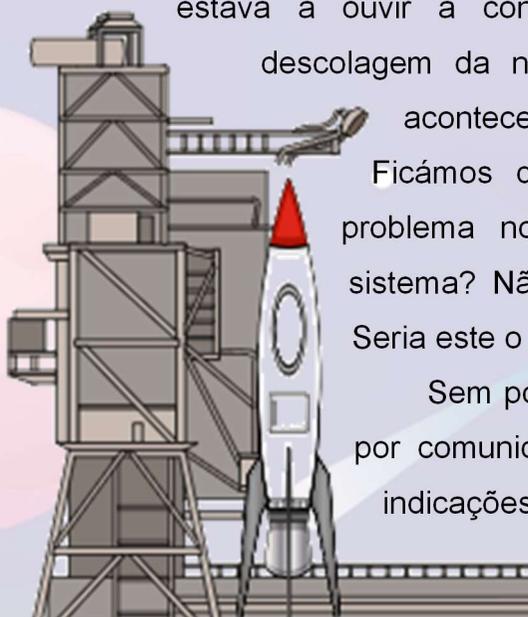
- Vai correr tudo bem - disse-me com a sua habitual doçura.

## CAPÍTULO XIX

De regresso a casa, à vida e ao trabalho tudo parecia ainda pouco claro relativamente à missão espacial. Em conversa com o Miguel, poucos dias depois de voltarmos, perguntei-lhe pormenores sobre a missão, na qual, achava eu, estávamos cada vez mais perto de embarcar. Ele foi dando os esclarecimentos possíveis e disse aguardar, a qualquer hora, que chamassem a equipa para definir todos os detalhes. Até lá, restava esperar. Não faltaria muito. Os chefes já sabiam que toda a equipa estava pronta para a partida. Era cada vez mais real o facto de estarmos perto do grande dia. Nós íamos mesmo ao espaço! À Lua! Os nervos aumentavam à medida que o tempo passava. Quando pensava nisso, confesso, sentia alguma nostalgia e saudades das coisas terrenas: dos pequenos-almoços servidos pela Olívia, dos passeios a dois, dos planos para o futuro, do casamento, até da minha infância em Pampilhosa da Serra e das marotices com o Miguel.... Acreditava que esta missão tivesse também como objetivo testar a minha coragem não só como astronauta, mas também como noivo para dar o passo a seguir em direção a uma relação mais definitiva e que selasse o nosso amor. Afinal, tinha sido a Olívia a apanhar o buquê!

E o dia da partida chegou. Estávamos a aproximarmo-nos da estação de lançamento *John F. Kennedy*. Em reunião prévia com os nossos colegas, tínhamos discutido os pormenores finais para o decorrer da missão Artemis, como veio a ser conhecida. A

verdade é que essa cápsula ia ser a nossa casa durante as próximas semanas, na Lua...



O tempo passou tão depressa que, quando dei por mim, já estava a ouvir a contagem decrescente para a descolagem da nave... 4, 3, 2, 1 e... nada

aconteceu, a nave não descolou. Ficámos desolados! Teria sido algum problema nos motores? Uma falha de sistema? Não havia respostas. E agora? Seria este o fim do meu sonho?

Sem podermos sair da nave, apenas por comunicação remota, aguardávamos indicações do exterior, do posto de comandos para saber o que tinha acontecido e os procedimentos a seguir. Finalmente veio uma resposta. Recebemos o relatório sobre o ocorrido e a certeza de que a falha no computador de bordo seria rapidamente restabelecida.

Passadas algumas horas, tudo estava de novo operacional e chegou o momento pelo qual esperei desde criança. Ouvimos outra vez a contagem decrescente... 4, 3, 2, 1... descolar. Foram momentos inesquecíveis esses que vivi no espaço. Foram poucas semanas, mas as suficientes para desenvolvermos um trabalho de grande valor para a comunidade científica.

Cá em baixo, durante esse tempo, muita coisa aconteceu, soube mais tarde. Os meus pais foram e vieram da Ucrânia com saúde e trouxeram uma mala cheia de histórias incríveis de

superação e esperança. Enquanto eu permanecia no espaço, a minha querida Olívia preparava o nosso casamento ao pormenor. Os amigos esperavam por mim. Os noticiários foram, durante esse tempo, religiosamente escutados, congratulando-se diariamente com o sucesso da missão. Sabiam que toda a equipa estava bem e que a missão se tornara um caso de sucesso para a investigação. Sabiam tanto de mim e eu nada deles. Mas o pensamento tem asas e muitas vezes, nos momentos de repouso, imaginava como tudo estaria e, mais, como encontraria as coisas quando voltasse.

No espaço, o meu sonho tornou-se realidade e eu estava muito feliz. Quantas pessoas tinham contribuído para este momento? Como se sentiriam os meus pais quando ouviam o meu nome na televisão, cumprindo uma missão de tão grande envergadura e responsabilidade? E a Olívia, o que terá pensado ela durante a minha ausência? Ter-se-á sentido orgulhosa ou o medo seria maior e apenas rezava todas as noites para que eu voltasse são e salvo? E o meu avô? Como estaria ele se pudesse ver este momento a acontecer? Foi o que alimentou este meu sonho desde que eu era menino! Obrigado, avô Artur!

## CAPÍTULO XX

Antes dos 30 anos, tinha conseguido realizar o meu maior sonho: tinha ido ao espaço na *Artemis*. Aconteceu tudo o que tinha imaginado e muito mais... não há palavras para descrever o que senti quando os meus pés tocaram na superfície lunar. Ao longo das seis semanas em que lá estivemos, realizámos várias investigações: recolhemos amostras de solo, procurámos água e, até mesmo, vida. Tentei focar-me totalmente no trabalho e no objetivo da missão, como forma de me abstrair de todos os infortúnios que pudessem acontecer. As simulações feitas na Terra, no caso de algo correr mal, podiam sempre ser repetidas no dia seguinte. Mas na Lua não temos uma segunda hipótese, caso algo corra mal. Tudo tem de dar certo à primeira. Isso é a certeza na qual baseamos a nossa vida de astronauta. Por vezes, esse pensamento também me assolava e assustava. Mas logo passava. Fazemos o nosso trabalho no espaço com certezas técnicas e científicas que não admitem falhas ou hesitações. Altamente exigente, mas compensador!

A viagem foi um sucesso! Não conseguiríamos prever a dimensão e importância da investigação que a *Artemis* levou a cabo, nem o reconhecimento que iríamos receber da comunidade científica. Mas no fim, quando regressámos, tudo se tornou claro e a missão espacial foi reconhecida mundialmente pela sua importância.

Não existem previsões para uma próxima expedição, mas isso não me impede de continuar a trabalhar naquilo que gosto.

Agora, com 38 anos de idade, percebo, finalmente, que a minha maior conquista está aqui, não no espaço. Ela está sentada ao meu lado, no relvado da antiga casa dos meus avós, na Pampilhosa da Serra, a contemplar o céu estrelado.

- Porque é que na nossa casa o céu não é assim, pai?

Não pude deixar de rir com a pergunta da Alice, com a ingenuidade dos seus seis anos.

- Mesmo quando não consegues ver as estrelas, filha, elas estão lá. Com a idade irás perceber que as estrelas na Pampilhosa da Serra têm um brilho especial – disse-lhe convicto que essa era a pura das verdades.

A Alice fitou-me com um olhar intrigado, sem perceber bem o que eu queria dizer com aquilo, mas aceitou as minhas palavras e voltou a olhar para o céu.

Foi importante para mim regressar, ainda que esporadicamente, à minha aldeia e reviver pedaços da minha infância. Olívia acompanhou-me sempre e a nossa filha Alice conhece o céu de Portugal tão bem ou melhor do que o céu dos Estados Unidos. Elas passaram por todos os lugares que fizeram parte da minha história e me tornaram a pessoa que sou hoje: a casa dos avós, a padaria da avó Celeste, a casa do Miguel, a biblioteca e a minha antiga escola.

Certa noite, lembrei-me de ir buscar o meu velho telescópio para mostrar à Alice, era ela ainda bebé. Nunca mais me esqueço desse momento:

- Pai, este é que é o “oscópico” que te deu o “bisa” Artur?

- Sim, respondi, com um sorriso rasgado no rosto, mas sério. Queria que ela percebesse que o meu fascínio pelo espaço tinha começado cedo e com esta oferta do avô Artur.

Mas ela parecia mais interessada em encontrar os grilos que cantavam no jardim ao cair da noite. Astronomia ou zoologia??? Talvez se estivesse a desenhar um percurso...quem sabe?

Tocaram os sinos da igreja. Ouviram-se à distância dez badaladas:

- Alice! Parece que está na hora de dormir – gritou a Olívia do alpendre da casa.



- Mas a avó disse que eu podia ficar acordada mais um bocadinho. Por favor!

- Eu conto-te uma história para adormeceres. Uma de que tu gostes muito – disse Olívia.

- Se tem de ser... Boa noite, pai! – despediu-se a Alice, abraçando-me com força.

Sorri. Estava feliz com a vida que tinha criado, com o pequeno mundo que me rodeava. O tempo parecia ter parado quando voltei a olhar através daquele pequeno telescópio já enferrujado que tinha desde criança. Mas agora a sensação era diferente... Antes olhava para o céu contigo avô, à procura de estrelas. Agora olho para as estrelas na esperança de te encontrar.

FIM !

Fechamos com palavras  
que contam a história



# IV

História  
coletiva

ESE João de Deus



2023